

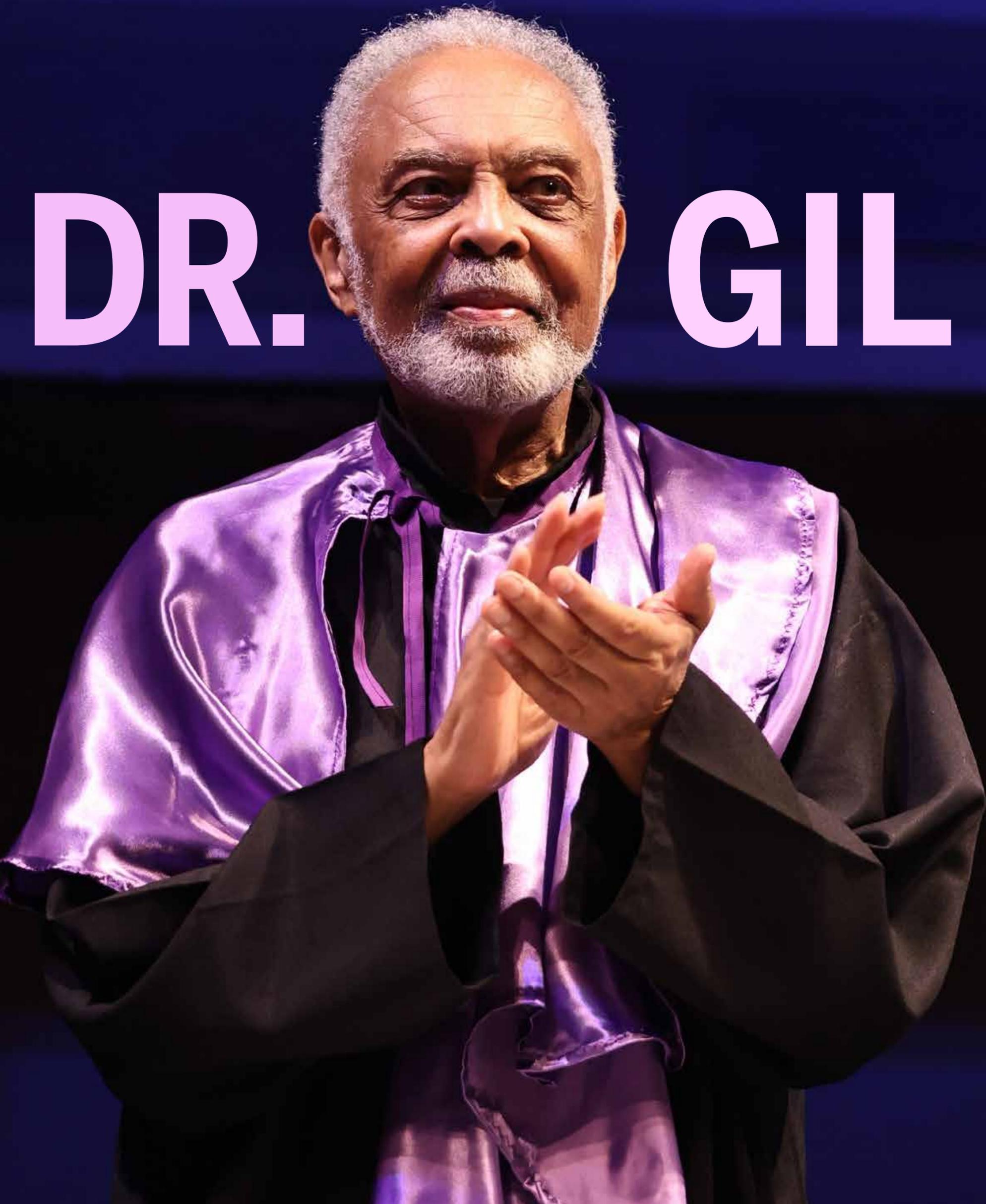
JORNAL DA

AdUFRJ

1342 • 11 de dezembro de 2024 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

ALESSANDRO COSTA

DR. GIL





ASSEMBLEIA DE PROFESSORES

Convocamos Assembleia Geral da AdUFRJ-SSind para o **dia 16 de dezembro de 2024, segunda-feira, às 9h**, a ser realizada no **Auditório André Rebouças, Sala D-220, 2º andar do Bloco D do Centro de Tecnologia da UFRJ.**

Pauta única:
Escolha de **12 delegados e 10 observadores** para compor a delegação ao **43º Congresso do Andes-SN**

Somente professores **presentes** poderão **indicar nomes** para compor a delegação.

PARTICIPE!

AdUFRJ

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

-  IBEU
-  CLUB PET
-  MAPLE BEAR TIJUCA
-  MIT CUIDADORES
-  ACADEMIA TIJUCA FIT
-  MADONA CLINIC
-  PSICARE
-  FISIOTERAPIA RJ LTDA
-  CRECHE AMANHECENDO
-  CRECHE ESCOLA RECRIAR
-  CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
-  ROÇA URBANA ORGÂNICOS
-  JC LUZ CORRETORA
-  FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
-  BAUKURS CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
-  ESCOLA ALFA
-  CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
-  HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
-  MAIS FITNESS ACADEMIA
-  CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
-  INSPIRE ENERGIA SOLAR
-  KALUNGA PAPELARIA
-  DROGARIA RAIA
-  WELLHUB

Orçamento de 2025 deixa UFRJ ainda mais precária

> Déficit da universidade até o fim do ano deve chegar a R\$ 186 milhões. Mas receita para o funcionamento básico cresce apenas R\$ 16 milhões pela proposta em tramitação no Congresso

KELVIN MELO
kelvin@adufrj.org.br

A UFRJ entra na reta final de 2024 com um olho na calculadora e outro, em Brasília. Com uma estimativa de déficit de R\$ 186 milhões até o final do exercício, a reitoria tenta aumentar os recursos para a universidade na tramitação da Proposta de Lei Orçamentária (PLOA) de 2025. Mas, pelo menos por enquanto, a notícia não é boa: a verba disponível para despesas de funcionamento básico da instituição cresce apenas R\$ 16 milhões (de R\$ 308 milhões este ano para R\$ 324 milhões no próximo).

“A melhora é pequena, porque temos um passivo de anos de subfinanciamento”, afirma o reitor Roberto Medronho. As despesas estimadas este ano com água e energia totalizam R\$ 136 milhões, o que representa 44% do orçamento para funcionamento da UFRJ. Outros gastos importantes são vigilância, limpeza e alimentação, que somam R\$ 175 milhões, ou seja, 57% do orçamento.

Apenas o custeio desses cinco serviços supera em R\$ 3,5 milhões o orçamento da UFRJ. Isso sem contar outras despesas fundamentais, como manutenção (urbana, predial e de equipamentos), atividades da graduação em campo (transporte, alimentação e estadia), bolsas acadêmicas, transporte, entre outras.

“A gente entende que há uma crise. Existe a necessidade de se fazer alguns equilíbrios na economia do país. O que me causa indignação é que uma grande parte do orçamento ficou com o Congresso Nacional, através de emendas. Não é o governo, seja ele qual for, que vai fazer a política pública”, diz o reitor.

A previsão é que o orçamento seja votado no plenário do Congresso no dia 13. E tudo indica que haverá uma briga intensa por cada centavo. O valor total para as emendas em 2025, fixado na legislação, é de R\$ 50,5 bilhões. Mas já foram apresentadas 7.201 emendas no valor de R\$ 141,4 bilhões, informa a Agência Câmara de Notícias.

ORÇAMENTO INTERNO

Com mais ou menos recursos, a universidade também precisa se organizar para gerir seus gastos do próximo ano. O Conselho

Universitário será convocado para discutir o tema ainda em dezembro. Só que ainda não está prevista em qual sessão será apresentada a proposta orçamentária da reitoria. “Quando você tem dinheiro, a distribuição é fácil de fazer. Quando o recurso é aquém das necessidades, o problema é definir onde vai ter que cortar. Estamos estudando detalhadamente”, afirma o reitor.

O dirigente antecipa que será necessária a colaboração do corpo social para reduzir as despesas. E dá um exemplo: “Se todo mundo se preocupar em desligar o ar-condicionado ou as luzes, quando sai de uma sala, isso ajuda. Pago quase R\$ 70 milhões de luz. Se conseguirmos reduzir em 10% de energia, são R\$ 7 milhões que terei para investir nos prédios da universidade”, defende. “E pagamos R\$ 70 milhões não porque somos perdulários. Fazemos pesquisa. Equipamentos consomem muita energia. A pesquisa não pode parar”.

A gestão da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebsrh) em três unidades de saúde (HU, IPPMG e Maternidade-Escola) desde o fim de maio está sendo levada em consideração no redimensionamento das despesas. “Acreditamos que, deixando de pagar uma série de custeios dessas unidades, vai ajudar a reduzir o déficit. Não vai resolver o problema”.

Um problema que continua é o pagamento de funcionários extraquadros, de vínculo precário com a instituição. “Gostaria que a Ebsrh assumisse os extraquadros. São R\$ 25 milhões por ano. Enquanto não são substituídos por concurso, quem paga é a UFRJ”.

ANDIFES MOBILIZADA

A assessoria de imprensa da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes) encaminhou à reportagem um vídeo gravado pelo presidente da entidade, professor José Daniel Diniz Melo (UFRN). O reitor relata as articulações da entidade sobre o orçamento.

Uma dessas movimentações ainda mira 2024: o Projeto de Lei do Congresso Nacional nº 22/2024 busca liberar uma suplementação orçamentária para as instituições. “A informação que obtivemos é que o PLN será aprovado nesta semana”, disse o reitor. Não foi informado o valor esperado.

“Fomos ao gabinete do senador Sérgio Petecão (PSD-AC), que é o relator setorial da Edu-

REPASSES DO MEC PARA A UFRJ (TOTAL, SEM PESSOAL, EM R\$ MILHÕES)

2024

(até o momento):

R\$ 474.741.769,00

sendo

R\$ 437.680.726,00

de orçamento discricionário,

R\$ 37.061.043,00

de emendas parlamentares e

R\$ 1.900.000,00

via termo de execução descentralizada

(TED), para ações emergenciais.

2023

R\$ 422.197.617,00, sendo

R\$ 410.967.133,00

de orçamento discricionário e

R\$ 11.230.484,00

de emendas parlamentares.

2022

R\$ 320.721.997,00,

sendo

R\$ 310.854.980,00

de orçamento discricionário e

R\$ 9.867.017,00

de emendas parlamentares.

Fonte: MEC



cação, e apresentamos a necessidade de mais orçamento para as universidades federais no próximo ano. Após, tivemos reunião com o senador Angelo Coronel (PSD-BA), que é o relator do orçamento. Apresentamos todo o histórico das nossas instituições. Saímos daqui com a expectativa de que tenhamos boas notícias na aprovação do orçamento do próximo ano”, afirmou o presidente da Andifes.

RESPOSTA DO MEC

Em nota enviada à reportagem, o Ministério da Educação diz que tem trabalhado, desde janeiro de 2023, para recompor ou mitigar as reduções orçamentárias ocorridas nas universidades nos últimos anos.

“Reafirmamos que a necessidade de mais orçamento para manutenção das universidades federais não é um problema

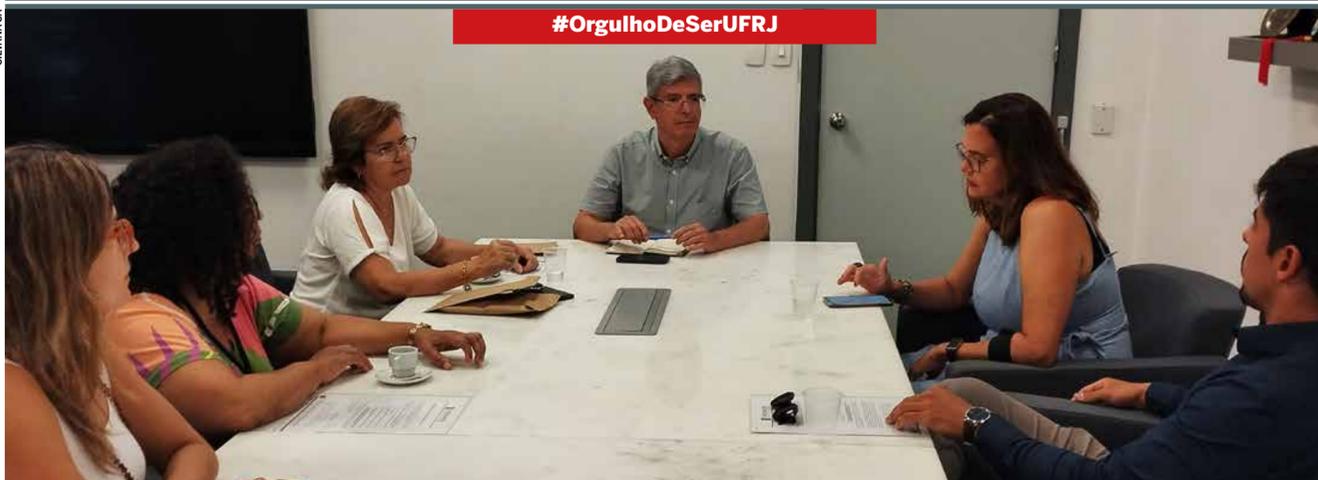
atual e decorre da política implementada nos últimos anos (desde 2016) que reduziu drasticamente os valores para manutenção das instituições federais de ensino superior (IFES)”, diz a nota. “Com a incapacidade orçamentária neste período, a necessidade orçamentária foi aumentando, o que gerou um passivo, que está sendo objeto de atuação do MEC desde 2023”.

O MEC informa que, até o momento, foram repassados à UFRJ, excetuando-se o orçamento de pessoal, R\$ 474,7 milhões, sendo R\$ 437,6 milhões de orçamento discricionário e R\$ 37 milhões de emendas parlamentares. Além desse valor, foi repassado R\$ 1,9 milhão, via termo de execução descentralizada (TED), para ações emergenciais.

O reitor da UFRJ faz uma ressalva sobre o dinheiro repassa-

do pelo ministério. “O MEC nos repassou o valor em todas as rubricas. Tem rubrica que não posso mexer. O dinheiro que vai para o Museu Nacional entra via PR-3 (Pró-reitoria de Finanças). O recurso PNAES é da assistência estudantil. Dos 400 e tantos milhões, discricionariamente temos R\$ 308 milhões. Não fecha”, explica.

O mesmo argumento é utilizado para esclarecer por que o painel orçamentário da própria universidade ainda registrasse R\$ 38 milhões como disponíveis, no início de dezembro. “Não são verbas que podemos usar discricionariamente. E só para a Light, sem contar novembro e dezembro, devemos R\$ 35 milhões”, lamenta Medronho. “Obviamente, o MEC é solidário. Sempre que pode, nos ajuda. Mas ele também tem o limite orçamentário dele”.



AdUFRJ cobra da reitoria liberação de ponto no CAp

> Diretoria do sindicato solicitou isonomia entre professores do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico e do Magistério Superior. Segundo grupo é isento da cobrança de ponto por lei

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A diretoria da AdUFRJ e o setor jurídico do sindicato participaram de uma reunião com o reitor Roberto Medronho e a pró-reitora de Pessoal, Neuza Luzia, na terça-feira (3). A extensa pauta tinha uma prioridade: discutir a isonomia entre professores do Magistério Superior e do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico. A diretoria pediu que a reitoria se abstenha de cobrar folha de ponto para o EBT, já que os professores do Colégio de Aplicação também desenvolvem atividades de ensino, pesquisa e extensão, tal qual os docentes do MS, que são isentos de assinatura de ponto.

A reunião foi motivada pela Portaria 996 que regulamenta o monitoramento e registro da frequência dos servidores da UFRJ. De acordo com o texto da portaria, “a folha de ponto é o método de monitoramento da assiduidade adotado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro para todos os servidores, exceto os Docentes do Magistério Superior, exceções na forma da lei, e os agentes públicos aderentes e participantes do Programa de Gestão de Desempenho da UFRJ (PDG)”. O documento determina, ainda, que a chefia de cada unidade envie mensalmente à PR-4 o Boletim de Frequência Positiva, via processo SEI, “informando os dias devidamente trabalhados por cada servidor”. Esse boletim deve ser preenchido com os nomes de todos os servidores, neste caso, incluindo também os docentes do Magistério Superior.

nan Teixeira, apresentou um parecer com histórico de toda a legislação que rege a carreira docente para subsidiar a tese de equivalência de funções. Vice-presidente do sindicato, a professora Nedir do Espírito Santo reforçou a importância e abrangência do trabalho dos professores do EBT. “Muitos estão envolvidos em programas de pós-graduação, orientam estudantes de graduação, fazem seu trabalho com excelência. As atividades não se resumem à sala de aula”, defendeu.

A administração central explicou que precisa que as chefias locais atestem mensalmente a presença de todos os servidores por meio do Boletim de Controle de Frequência Positivo. “É uma cobrança do Tribunal de Contas da União. Do ponto de vista prático, não vai mudar nada para os técnicos e para os docentes – todos os docentes”, frisou o reitor. Neuza completou: “Está para acontecer em breve uma auditoria do TCU e a universidade precisa se preservar e preservar seus servidores”, explicou. “Há uma cobrança sistemática dos órgãos de controle que recai sobre a administração central”.

Presidenta da AdUFRJ, a professora Mayra Goulart insistiu que o pleito dos docentes do EBT é legítimo. “Avançar nesta pauta é importante para toda a universidade”, disse. A reitoria acolheu a demanda, mas pediram que o parecer jurídico da AdUFRJ fosse encaminhado formalmente para análise da Procuradoria da UFRJ. O sindicato já enviou o documento e aguarda resposta do órgão.

O fim da cobrança de ponto para os docentes do EBT foi um dos pontos de pauta da greve nacional e houve acordo com o governo. A ministra da Gestão e Inovação em Serviços Públicos, Esther Dweck, e o ministro



da Educação, Camilo Santana, já assinaram o processo que libera esses profissionais do ponto eletrônico. O documento está na Casa Civil desde o final de outubro e aguarda oficialização.

FALTA DE ÁGUA NO IFCS

A recorrente falta d'água no prédio que abriga os institutos de História e de Filosofia e Ciências Sociais também foi pauta da reunião com a reitoria. A presidenta Mayra Goulart ilustrou o grau de insalubridade a que professores e toda a comunidade acadêmica do Largo de São Francisco de Paula estão submetidos. “Há alguns comunicados oficiais com dispensa

semana e a troca das tubulações nos próximos dias.

Também houve cobranças sobre a reforma elétrica do prédio histórico, anunciada pelo prefeito Eduardo Paes em maio. A reitoria, no entanto, informou que não há novidades sobre este tema, mas segue pressionando a prefeitura para que o convênio seja oficialmente celebrado. “Um dos entraves era o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural), mas o órgão já autorizou a obra. Agora precisamos que a Prefeitura do Rio finalize seus trâmites internos para iniciarmos, enfim, esse importante projeto para a nossa universidade”.

O Jornal da AdUFRJ entrou em contato com a assessoria do prefeito Eduardo Paes. O órgão não respondeu os questionamentos da reportagem até o fechamento desta edição.

PRAIA VERMELHA

As péssimas condições de trabalho dos professores que dão aulas no Palácio Universitário também foram pauta do encontro. No final de novembro, o Conselho Regional de Administração encaminhou ofício à reitoria e à AdUFRJ em que denuncia a precariedade das instalações do Palácio.

O reitor reconheceu que a universidade vive um drama de infraestrutura que esbarra no orçamento insuficiente. “O ETU está fazendo um levantamento sobre todas as nossas instalações. A estimativa é de que sejam necessários R\$ 1,1 bilhão para deixar todas as nossas instalações em perfeitas condições de uso”, revelou. “Nosso orçamento para o ano que vem é maior apenas 4% do que recebemos esse ano. Cobrirá, no máximo, a inflação do período e seguirá insuficiente para nossas demandas”, lamentou o dirigente.

das atividades, mas, mesmo em dias teoricamente normais, falta água”, contou. “Ao longo do dia as torneiras vão secando e no cair da noite os banheiros já estão completamente sem condições de uso”, denunciou. O reitor informou que a administração central destinará R\$ 17 mil para as trocas de 11 barriletes (conjunto hidráulico para distribuição de água) que apresentam vazamentos. “Acreditamos que após essa intervenção e, depois, a impermeabilização da cisterna, o IFCS/IH não terá mais problemas com o abastecimento de água”. Medronho informou que a reavaliação da cisterna será feita ainda nesta

#OrgulhoDeSerUFRJ

Capes muda sistema de avaliação de artigos em 2025

> Classificação não será mais baseada apenas no periódico em que o trabalho foi publicado, no ciclo entre o ano que vem e 2028. Detalhamento das novas regras será divulgado no mês de março

KELVIN MELO
kelvin@adufrrj.org.br

O sistema de avaliação da Capes terá uma grande novidade a partir do próximo ano. Os artigos científicos não serão mais classificados apenas pelo grau de importância atribuído aos periódicos nos quais foram publicados. Outros critérios, como o número de citações, ganharão mais relevância no ciclo entre 2025 e 2028.

Hoje, dois artigos diferentes publicados na renomada revista Nature — considerada como A1, o máximo conceito do sistema — recebem a mesmíssima avaliação. “Mas esses artigos podem ter impactos diferentes nas suas áreas. No próximo ciclo — além de estar em uma revista de grande prestígio, um aspecto que vai permanecer na avaliação —, haverá atributos que irão diferenciá-los”, explica a presidente da Capes e ex-reitora da UFRJ, professora Denise Pires de Carvalho.

Um desses atributos poderá ser o número de citações, dependendo da área. Um artigo na revista Nature ou equivalente, com apenas uma citação, poderá valer menos que um artigo publicado em uma revista nacional importante, com maior número de citações, por exemplo. A medida, de acordo com a dirigente da Capes, poderá valorizar os periódicos nacionais. “Revistas nacionais, indexadas e com projeção internacional, poderão valer mais, porque não só a revista valerá, mas o conteúdo do artigo e suas citações”, completa.

A injusta competição internacional nesse mercado editorial é outro fator que pode ser atenuado com a ampliação da sistemática de avaliação. “A competição as vezes não é justa com o pesquisador brasileiro nessas revistas de maior renome”, afirma Denise. “Com foco



“Vamos valorizar a pesquisa brasileira e o seu impacto, valorizar o pesquisador brasileiro e possivelmente também as revistas brasileiras”

DENISE PIRES DE CARVALHO
Presidente da Capes

mais na produção acadêmica e não nas revistas, vamos valorizar a pesquisa brasileira e o seu impacto, valorizar o pesquisador brasileiro e possivelmente também as revistas brasileiras. É isso que a gente pretende”.

Outro ponto que poderá ser levado em conta na classificação do artigo será o impacto na sociedade, como a divulgação no noticiário e repercussão nas redes. “Estão dizendo que o pesquisador vai virar um Youtuber. Não é nada disso. É a divulgação científica tão necessária. A

divulgação científica vai fazer com que a sociedade fique perto dos cientistas e vai diminuir o negacionismo”, concluiu Denise.

Os critérios comuns do próximo ciclo de avaliação da Capes aprovados pelo conselho técnico científico serão publicados pela diretoria de avaliação no início do próximo ano. As fichas de avaliação de cada área com critérios específicos serão divulgadas em março de 2025 (leia mais no quadro abaixo).

OTIMISMO

Integrante do CTC da Capes desde 2018 na área de Engenharia I e professor da Coppe, Rômulo Orrico está otimista com as mudanças que estão sendo desenhadas para o próximo ciclo. “A primeira expectativa é que seja evitado o excesso de publicações. O foco será a produção de algo correto, concreto. O que eu quero é qualidade”, afirma.

O docente também espera a redução da competitividade na Academia. “Se eu buscar publicar meus artigos nas melhores revistas, vou entrar num processo competitivo com meus colegas. E nem todos recebem as bênçãos dos deuses do Olimpo, não é?”, brinca. “Ciência é cooperação. Ninguém aprende nada sozinho. Ou se aprende pouco sozinho”.

O professor também aposta na valorização dos bons periódicos nacionais. “Buscar boas revistas já será de bom tamanho. Aquela loucura para publicar numa revista estrangeira que custa R\$ 12 mil ou R\$ 15 mil não faz sentido para nós, brasileiros. Aliás, acho que não faz sentido também para os americanos e europeus”, completa.

Mas nem todos estão satisfeitos com as mudanças. Em postagens que circulam pela internet, há quem argumente que o maior peso para as citações irá beneficiar autores com nome estabelecido na Academia. Ou aqueles que colocarão os alunos para citar o próprio trabalho.

Rômulo discorda. “É o con-



trário. A gente não vai ficar disputando citação. Quem fica punhando citações são as revistas, as empresas. Claro que deve ter uma meia dúzia de pesquisadores que não age de forma adequada. Mas citação cruzada ou autocitação não têm valor. Não é por aí que vamos medir a qualidade do artigo?”

Também integrante do CTC e professora da Escola de Química da UFRJ, Verônica Calado é outra apoiadora da classificação dos artigos por meio de algum índice. “Publicar na Nature continuará sendo importante, mas você irá além na avaliação”, diz.

Esse ir além não será baseado em critérios subjetivos. “Existem vários critérios. Daí sairá a classificação final”, diz a coordenadora da Engenharia II. Cada área vai definir os critérios. “Por exemplo, uma área pode utilizar um índice chamado FWCI (Field Weighted Citation Impact), que

compara o número de citações do seu artigo com o número de citações de artigos similares na mesma época, na mesma área, no mundo inteiro. Assim, vamos fazer comparações mais justas do que o chamado índice H, que acumula o número de citações do artigo ao longo dos anos”, observa.

“Se o FWCI for maior do que um, o artigo está sendo mais citado do que a média mundial naquele tópico e naquele ano. Ou seja, dois artigos publicados na mesma revista — portanto, com o mesmo fator de impacto — podem ter classificações diferentes”, explica a professora.

“Temos de nos preocupar com o impacto do artigo ou produto para a sociedade de forma geral”, defende Verônica. “O jornalismo científico é fundamental para a divulgação dos trabalhos desenvolvidos nas universidades”.

AVALIAÇÃO DA AVALIAÇÃO

O anúncio de mudanças antes de um ciclo da Quadrienal da Capes não é novidade. O sistema está em constante processo de aprimoramento. “A avaliação da pós-graduação é um patrimônio do Brasil. A pós chegou aonde chegou, pois, desde o início, é avaliada. Só que a avaliação que se fa-

zia lá no início não é a mesma do início dos anos 2000, quando o Qualis periódico foi introduzido”, afirma Denise, em referência a uma das ferramentas utilizadas para a análise da produção bibliográfica dos docentes e discentes dos programas de pós.

“E que vem evoluindo muito bem nesses 20 anos. Em 2018,

o modelo do Qualis já foi atualizado. O que não quer dizer que não pode haver mudança. Não conheço nenhum processo de avaliação que seja mantido para sempre”, completa.

A presidente da Capes enfatiza que todas as mudanças são amplamente discutidas. “Não é uma decisão monocrática do

presidente ou diretor de Avaliação da agência. É uma decisão do Conselho Técnico-Científico da Educação Superior, um dos mais qualificados do mundo, que tem cientistas de reconhecimento internacional”, defende.

Em 2023, o CTC começou a discutir as mudanças implantadas na última quadrienal (com

o chamado Qualis Único). Foram criados cinco grupos de trabalho — o relacionado ao Qualis se chamava “GT Classificações da Produção Intelectual em Qualis Periódicos”. Todos os relatórios aprovados pelo CTC-ES serão divulgados agora em dezembro.

DOCENTES ABRAÇARAM SEMANA DA ADUFRJ EM MACAÉ

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

“Quería agradecer muito à AdUFRJ. Que venham mais eventos lindos e excelentes como este para cá”. A fala de gratidão da diretora do Nupem, professora Cíntia Monteiro de Barros, resume o sucesso e a calorosa recepção das atividades realizadas pelo sindicato em Macaé, entre os dias 2 e 6 de dezembro.

A docente fez um destaque especial para a exposição fotográfica “Servidores da Sociedade” que ocupou um salão da unidade durante toda a semana passada. “Essa exposição me deixou muito deslumbrada. Eu adoro foto. Tenho prima fotógrafa e a gente revelava fotos juntas”, disse.

Além da mostra, a AdUFRJ mobilizou para a cidade do Norte Fluminense os setores administrativo e de comunicação, sua assessoria jurídica e de planos de saúde. E, para fechar a programação com “chave de ouro”, um seminário debateu o papel da ciência no desenvolvimento de Macaé. O evento final reuniu

professores de diversas instituições de educação superior da região e agentes do poder público local.

Diretor do sindicato e também professor do Nupem, Rodrigo Nunes da Fonseca comemorou a iniciativa. “Esta foi a primeira vez que a AdUFRJ fez uma semana inteira de eventos aqui. A repercussão foi superpositiva, mostrando um sindicato ativo não só na capital. E nossa expectativa é fazer isso também em Caxias”, adiantou, sobre o campus da universidade na Baixada Fluminense.

O seminário sobre financiamento foi muito bem recebido por todos, de acordo com Rodrigo. “Várias pessoas que não eram filiadas foram ao evento e ressaltaram o papel diferenciado do sindicato de fazer essa discussão de interesse dos docentes”, disse.

Confira, a seguir, como foi esta semana tão especial em Macaé.

EXPOSIÇÃO ENCANTA NO NUPEM



Nupem. Ainda assim, penso que a beleza da universidade está no que ela tem de complexo, nessa mistura e nessa potência. Ficou muito bonito o trabalho”, completou Gláucia, que sugeriu uma “esticadinha” da exposição no Centro Multidisciplinar, no início do próximo ano letivo.

O pesquisador pós-doc Lupis Ribeiro Gomes Neto destacou um lado da exposição também como registro histórico da atuação da universidade. Como as imagens que mostram as pessoas de máscaras durante a pandemia do coronavírus. “Foi um evento triste, mas um marco. Fizemos um esforço muito grande para salvar vidas aqui no município”, disse.

A mostra também trouxe momentos de alegria. Uma das imagens era de uma visita da turma de seu filho Pedro ao Nupem por conta do Dia dos Oceanos. “Ele pôde ver o trabalho dos meus colegas e gostou muito”, afirmou Lupis, que se reconheceu na foto.

Com uma família inteira ligada à UFRJ, a técnica-adminis-

trativa Paula Marinho Pontes (foto à esquerda) também se emocionou com as imagens e se encontrou em uma delas. “Minha mãe, minha tia e meu tio são servidores do Fundão. Minha irmã é professora no CCMN. Desde pequenininha, tenho essa vivência de UFRJ. Vi muita gente aqui que me emocionou mesmo”, contou.

A técnica de laboratório fez estágio na Farmácia Universitária, um dos registros da exposição. “Assim que olhei aquela foto, lembrei da ótima experiência de servir à comunidade. Desde aluno, a gente já serve. Como servidor, servimos mais ainda”, disse. “A UFRJ é muito grande, muito diversa. Isso é o que mais me encanta”, concluiu Paula.

FOTOS: KELVIN MELO



exposição “Servidores da Sociedade”, já elogiada em suas passagens no campus da Praia Vermelha e no Centro de Ciências da Saúde (CCS), também encantou os docentes de Macaé com 220 imagens retratando personagens e o cotidiano de todos os cantos da UFRJ.

“Penso ser muito importante nós termos consciência da

grandiosidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com ensino, pesquisa e extensão de referência nacional e internacional”, disse a professora Gláucia Valente Valadares (foto à direita), do Instituto de Enfermagem do Centro Multidisciplinar. “Olhar as fotos da UFRJ, ainda mais numa sexta-feira, é um bálsamo para nossa alma”.

“Gostei muito de ver o CCS, especialmente a Escola de Enfermagem Anna Nery, o Centro Multidisciplinar de Macaé e o

PLANTÕES ESPECIAIS TIRARAM DÚVIDAS JURÍDICAS E DE SAÚDE

O professor Vinícius Albano, do Nupem, foi o primeiro sindicalizado atendido no plantão jurídico especial organizado pela AdUFRJ em Macaé, no dia 5. O docente buscou orientação para resolver um problema com sua progressão na carreira.

Vinícius elogiou a iniciativa da AdUFRJ de levar atendimentos jurídicos e de saúde, exposição fotográfica e um seminário para a cidade. “Se o sindicato chega até mim, eu me sinto mais acolhido. Acho fundamental essa presença. Claro que hoje em dia o remoto nos ajuda, mas, ocasional-



mente, ter essa possibilidade é muito importante”, disse.

Questões relacionadas à progressão também motivaram os professores Rejane Valvano e Luiz Couceiro (ambos do Nupem) a procurar o serviço. “A AdUFRJ, com este atendimento, conseguiu reverter o quadro de insegurança jurídica que a gente tinha e nos deu a esperança de que teremos nossos direitos reconhecidos”, afirmou Luiz.

A professora Rejane torce por mais plantões presenciais, no futuro. “Se pudesse ter todo semestre seria ótimo. Facilita bastante”. Embora os atendimentos também possam acontecer por videoconferência desde o Rio, a docente avalia que não é a

mesma coisa. “Tem a ver também com saúde mental. Já está muito estressante fazer tudo no celular, tudo no computador. É diferente um acolhimento presencial, olhar a pessoa”.

Já a professora Beatriz Gonçalves Pinheiro, do Instituto de Alimentação e Nutrição, buscou a assessoria jurídica para falar do processo dos 3,17%. “Achei excelente. Para mim, veio no momento certo. Estava precisando dessas informações. Às vezes, a gente pensa em ligar, mandar email e isso acaba se perdendo nas atribuições do dia a dia. A presença aqui é mais incentivadora”, disse, também

ressaltando o presencial. “O contato pessoal, a gente aprendeu durante o ensino remoto na pandemia, faz grande diferença”.

SAÚDE EM PAUTA

A professora Laura Weber, do Nupem, procurou o plantão de saúde no dia 6. Sem plano no momento, a docente tirou dúvidas com o consultor Luiz Alberto sobre as melhores opções para ela e seu esposo e elogiou a iniciativa do sindicato. “Achei fantástica. A gente é muito ocupado. Ter essa oportunidade é muito bom”, afirmou.



SEMINÁRIO DISCUTIU CIÊNCIA PARA O DESENVOLVIMENTO DA CIDADE

KELVIN MELO
kelvin@adufjrj.org.br

No ponto alto da programação organizada pela AdUFRJ em Macaé, professores e representantes do poder público

local se reuniram no Nupem, dia 6, para discutir como a Ciência pode ajudar a desenvolver a cidade. A iniciativa, ao mesmo tempo, tenta prevenir um colapso econômico: hoje, o município de 260 mil habitantes do Norte Fluminense tem forte dependência das receitas da indústria do petróleo, um recurso natural não renovável.

“Estamos aqui pensando como esse polo universitário pode contribuir para criar formas alternativas de desenvolvimento, menos dependentes de um combustível fóssil e menos nocivas ao meio ambiente”, afirmou a presidenta da AdUFRJ, professora Mayra Goulart.

O ecossistema científico para esta missão já existe e deve ser fortalecido. Estão sediados em Macaé, além da UFRJ, a UFF, o IFRJ e uma faculdade municipal (Femass). “Temos aqui um município com a vocação de produção de ciência, de tecnologia, de capacitação de mão de obra”, disse Mayra, que também é coordenadora do Observatório do Conhecimento — rede de associações docentes que defendem a universidade pública.

Mayra apresentou um estudo do Observatório que mostra o compromisso de recentes gestões da prefeitura com as universidades. Entre 2018 e 2024, houve um aumento dos recursos aplicados no ensino superior: de R\$ 8,72 milhões para R\$ 35,36 milhões. Mas é preciso mais.

“Nós temos o desafio da interiorização da ciência. Aqui é simbólico. Não é do litoral para o interior. Mas precisamos diversificar os espaços de pro-

dução de conhecimento. Para que não haja concentração nas mesmas cidades que conhecemos, como Rio, São Paulo e Belo Horizonte”, concluiu Mayra.

MACAÉ, UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Diretor da AdUFRJ e professor do Nupem, Rodrigo Nunes da Fonseca reforçou que a cidade reúne os recursos humanos necessários para fazer esta transformação. “Na década de 1980, o município iniciou uma sólida e bem-sucedida política para a instalação de universidades públicas em seu território. Como resultado, passou de uma cidade exportadora de universitários para uma cidade universitária onde vivem milhares de estudantes e cientistas de diferentes instituições e áreas do conhecimento”, disse.

“Somente a UFRJ possui mais de 400 docentes e técnicos-administrativos, muitos deles com doutorado, capazes de apoiar iniciativas do poder público local e contribuir com a sociedade de Macaé. Este modelo já é praticado há décadas por vários municípios brasileiros, como São Carlos, Campinas, Piracicaba, Petrolina e Campina Grande”, afirmou Rodrigo. “Esta é uma oportunidade de contribuir para que o crescimento de Macaé ocorra com equidade econômica, social e com preservação ambiental”.

Crescimento que deve acontecer com industrialização e igualdade de distribuição da renda, na opinião da professora Lígia Bahia, que representou a SBPC no encontro. “Somos uma sociedade que vem da escravidão e do extrativismo. Isso gera um modelo com imensa desigualdade. Como a gente sai disso? Com desenvolvimento, com modernidade”, avaliou. “E, para nós, desenvolvimento sempre foi indústria. Uma indústria que não polua, que gere modernidade. Porque, senão, a indústria pode

FOTOS: KELVIN MELO



concentrar riqueza, como aconteceu nos anos 50”, completou.

Industrializar, claro, significa investir em pesquisa. “A Ciência desenvolve. Quem produz é a indústria”, afirmou. “Precisamos ser capazes de desenvolver projetos de moradia que não existem, medicamentos que não existem ainda. A gente não chega a gastar 2% do PIB com ciência. Precisamos ampliar os investimentos para sair da escravidão e do extrativismo para uma modernidade igualitária”.

CIDADE DO CONHECIMENTO

É o que tem buscado fazer a atual gestão da prefeitura. Líder do governo na Câmara Municipal, o vereador Luciano Diniz (Cidadania) listou alguns investimentos — em fase de estudo de licitação — para a consolidação da UFRJ na cidade, como a construção de um novo prédio para os cursos de engenharia no Centro Multidisciplinar e um restaurante-escola do curso de Nutrição.

O parlamentar considera o atual prefeito, Welberth Rezende (também do Cidadania) — que se reeleger —, um aliado da educação superior. “Foi um prefeito que nunca se negou a receber a universidade”.

Só que, para a Ciência avançar, é precisa juntar obras de infraes-

a gente, mas para todos os ve-readores, para todo o governo”.

Vice-prefeito eleito, Fabiano Paschoal (MDB) aposta na cooperação com as universidades, mas expôs as limitações do governo. “Mal comparando, Juscelino Kubitschek dizia que ia desenvolver o Brasil 50 anos em 5 anos. A gente tenta recuperar Macaé 200 anos em 4 anos. Isso não é fácil”, disse.

Fabiano observou que a cidade possui 17 mil servidores. “Macaé tem mais servidor que qualquer município do estado e, proporcionalmente, mais que a capital. É difícil, às vezes, fazer pesquisa e inovação, com uma folha de R\$ 126 milhões mensais na rubrica de pessoal. Mas é preciso fazer”, disse. “Nosso prefeito está pensando Macaé 20 anos à frente. O petróleo vai acabar. Isso é verdade. Mas isso também não é uma coisa para amanhã”, ponderou.

O reitor Roberto Medronho fez um anúncio que animou a plateia, ansiosa pelo desenvolvimento científico da cidade. “Estamos estudando implantar uma subsidiária do Parque Tecnológico aqui em Macaé. Acreditamos que essa relação entre prefeitura, UFRJ e setor produtivo vai fazer grandes transformações”, disse.

O dirigente encerrou dizendo que a UFRJ deve ajudar a mudar a forma como a cidade do Norte Fluminense é mais conhecida: seja “capital do petróleo” ou, mais recentemente, “capital da energia”. “Temos o dever de também contribuir para que esta cidade seja também a Cidade do Conhecimento”.

TÍTULOS

Ao fim das apresentações do seminário, a vereadora Iza Vicente (Rede) entregou o título de Cidadania Macaense à professora Cíntia e o de Honra ao Mérito ao professor Rodrigo Nunes.

Tempo de Gil: imortal e Dr. Honoris Causa da UFRJ

> Sessão solene do Conselho Universitário aconteceu na Escola de Música. Evento emocionou a plateia formada pela comunidade acadêmica, artistas, familiares e amigos do músico

SILVANA SÁ
silvana@adufrrj.org.br

A noite de 10 de dezembro foi de celebração a um dos maiores nomes da música popular brasileira. Gilberto Gil, imortal da Academia Brasileira de Letras desde 2022, recebeu das mãos do reitor Roberto Medronho o título de Doutor Honoris Causa da UFRJ. A sessão solene do Conselho Universitário aconteceu na Escola de Música. “Muito obrigado a todos vocês que estão aqui hoje. Esse é um momento de encontro afetivo, emotivo, emocional”, descreveu Gil, logo após receber a diplomação.

A cerimônia ocorreu no salão Leopoldo Miguez e foi emocionante. Jovens e veteranos talentos de programas de extensão da Escola de Música apresentaram obras do vasto repertório de Gil. Tempo Rei, Realce, Drão, Lamento Sertanejo foram algumas tocadas e cantadas nas apresentações aclamadas pelo público.

Em seu discurso, Gilberto Gil agradeceu a concessão do título e as homenagens da noite. Ele contou que, dois dias antes, esteve na casa de um amigo para uma confraternização. Na despedida, ele se referiu ao anfitrião como doutor. “Ele sorriu, abraçou-me e retrucou: ‘Não, eu não sou doutor. Doutores são todos esses aqui nesta festa; médicos, advogados, economistas, pessoas de sólidas carreiras. Afinal, sentaram nos bancos da universidade que a eles conferiu formais e merecidos títulos de doutor. Eu sou apenas um homem simples que, a despeito de ter obtido sucesso como empreendedor, tive minha formação restrita ao dia a dia do trabalho árduo e ao aprendizado intuitivo”, lembrou Gil.

Ele prosseguiu. “Eu sorri, num gesto de acolhimento compreensivo às suas palavras, e retruquei: eu me habituei a chamar de doutor a muitos por quem tenho admiração, a quem dedico uma afeição sincera. E a quem vejo como cúmplices e parceiros de vidas intensas e criativas”, contou Gil. “Hoje, eu tomo esse título como assemelhado ao tratamento de doutor atribuído por mim à porta da casa de meu amigo, antontem”.

Antes de começar a discursar, o artista pediu que equalizassem o microfone, para que pu-



desse ser melhor compreendido pela plateia. “Quero que vocês entendam mais claramente minhas breves palavras”. Ele tinha razão. Os microfones estavam muito baixos e não davam conta da amplitude do espaço, o que dificultou o entendimento de grande parte das falas.

Com pouca estrutura para receber um grande público no histórico e castigado prédio da Escola de Música, a universidade não fez uma ampla divulgação da cerimônia. Nem transmitiu ao vivo o evento em seus canais oficiais. A expectativa é que a gravação de toda a sessão solene do Consuni esteja disponível no Youtube da UFRJ para a sociedade, nos próximos dias.

TEMPO, TEMPO, TEMPO

Anfitrião da noite, o diretor da Escola de Música, professor Ronal Silveira, resumiu o sentimento comum a todos. “O elemento mais importante da música é o tempo. E o tempo nunca tem pressa. Percebemos isso em momentos mágicos como esse”.

A Orquestra Sinfônica da UFRJ encerrou as apresentações e ganhou de presente o acompanhamento de Gil, que solfejou Tempo Rei. Estudantes do DCE Mário Prata também fizeram uma breve saudação ao músico, lembraram da crise orçamentária da universidade e pediram punição aos golpistas.



Muito obrigado a todos vocês que estão aqui hoje. Esse é um momento de encontro afetivo, emotivo, emocional.

GILBERTO GIL
Doutor Honoris Causa da UFRJ

Visivelmente emocionado, o baterista Charles Gavin, da primeira formação dos Titãs, estava ansioso para ver o amigo ser agraciado com a homenagem. “Estou muito honrado de ter sido convidado para esta cerimônia. Eu me sinto muito feliz por estar aqui”, disse. “Essa homenagem é mais que justa, mas esse tipo de situação deveria ser mais comum no nosso cotidiano: reconhecer e premiar os grandes mestres da sociedade contemporânea brasileira”, afirmou. “Sem Gil, eu não esta-

ria aqui”.

O músico criticou a distância que ainda percebe entre a Academia e a cultura popular. “O meio acadêmico reluta muito ainda para trazer pessoas do meio popular. Esses universos acadêmico e popular são complementares e devem andar mais juntos”, defendeu. “Esta homenagem deveria ter acontecido há décadas atrás com Gil e com outras pessoas de sua geração, mas que bom que está sendo realizada”, disse.

HOMENAGENS

O professor emérito Samuel Araújo, da Escola de Música, fez parte da mesa solene e discursou em nome da comissão que indicou o nome de Gil ao título. “Gil tem um extenso legado de canções que são, todas elas, lições: de vida, de amor ao próximo, ao planeta, com letras de rara sensibilidade”, elogiou o docente.

O professor Samuel destacou a importância do papel político de Gilberto Gil no período em que foi ministro da Cultura, de 2003 a 2008. “O orçamento da pasta cresceu exponencialmente na gestão de Gil. Os Pontos de Cultura foram elementos de forte conexão com a sociedade nos territórios”, frisou.

Vice-reitora, a professora Cássia Turci disse que estava vivendo um dos momentos mais bonitos de sua vida na univer-

sidade. “É um momento pleno, que gostaríamos de vivenciar mais vezes. São muitas qualidades que a gente encontra quando pensa em Gil. Pensar em Gilberto Gil é pensar no mundo que queremos: mais justo, mais igualitário, mais equânime, mais humano”.

O reitor Roberto Medronho também fez uma fala emocionada. Lembrou que a universidade produz ciência, mas também é produtora e difusora de cultura. “Não existe desenvolvimento social pleno se não houver cultura”, afirmou.

O dirigente máximo da universidade também aproveitou a ocasião para lembrar dos feitos da UFRJ no período recente. “A universidade passou por um momento muito difícil, que congregou a pandemia com uma política que ignorou um vírus selvagem. Muitas vidas foram salvas pelo trabalho da universidade e por nosso Sistema Único de Saúde”. Ele aproveitou a ocasião para fazer um tributo aos profissionais de saúde, representados na cerimônia pela doutora Margareth Dalcomo, ícone da ciência durante a pandemia e presente na fila do gargarejo na cerimônia de Gil. .

“Hoje é um momento histórico”, resumiu o reitor. “Gil nos traz, na sua carreira, o grande legado de fazer da música um instrumento que nos inspira na busca de um mundo melhor”.